

## O ENSINO DA GEOMETRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR PARA O COTIDIANO DA CRIANÇA

Autora: Jainy de Noronha Silva; Orientadora: Rosinalda Aurora de Melo Teles

(Universidade Federal Rural de Pernambuco, [jainy.noronha@outlook.com](mailto:jainy.noronha@outlook.com))  
(Universidade Federal de Pernambuco em Colaboração Técnica na UFRPE – Unidade Acadêmica de Garanhuns, [rosinaldateles@yahoo.com.br](mailto:rosinaldateles@yahoo.com.br))

**Resumo:** Este trabalho tem como finalidade relatar a experiência vivida durante a disciplina Estágio Curricular I do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE – Unidade Acadêmica de Garanhuns. Com base no relato de experiência a ser explanado, é de suma importância considerar que a necessidade de trabalhar o tema surgiu através de observações da prática de uma professora e da desenvoltura das crianças, numa turma de Infantil I, quanto ao ensino da geometria, que não era explorado de maneira consistente e concreta, desconsiderando o processo de cognitivo da criança e as ligações que lhe é permitido fazer para assimilar determinados conhecimentos com vistas a trazê-los para a sua vida cotidiana. As experiências vivenciadas a partir de um projeto didático com o público infantil foram de grande valia, trazendo contribuições mútuas para a aprendizagem das crianças e para a formação do licenciando em Pedagogia. Por meio de uma diagnose embasada nos teóricos estudados, nas entrevistas e observações feitas, pôde-se traçar objetivos de um projeto que pudesse contribuir para a realidade daquele contexto, visando a) possibilitar uma leitura ampla do ambiente; b) mostrar que as formas geométricas estão fortemente presentes no cotidiano de cada um; c) explorar, concretamente, as formas geométricas relacionando a forma com elementos presentes no dia a dia. Permeado por estes objetivos, o trabalho pôde contribuir mais que o esperado, visto que durante o período de intervenção a aprendizagem se deu de maneira natural e mútua.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Geometria, Cotidiano.

### Introdução

A Educação Infantil abarca um leque de experiências contínuas e transformadoras, é um campo de atuação que o Estágio Supervisionado Obrigatório proporciona por ser uma experiência fundamental para a formação de professores. É na inserção dos discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia no espaço de futura atuação que é despertado o gosto, e ao mesmo tempo lançado o desafio, de se deparar com o novo e vir a contribuir na aprendizagem das crianças por meio de experiências enriquecedoras. O estágio tem como objetivos favorecer condições de reflexão teórico-prática sobre a atuação do professor da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também promover o contato do futuro professor com situações reais do cotidiano escolar. Visto que o estágio se mostra como uma ligação fundamental entre a Universidade (teoria) e a Educação Básica (prática), ou seja, um elo mediador de práticas, este permite consideravelmente ser um canal produtivo entre ambas as áreas, conforme afirmam Giroto e Castro (2013). Por esse motivo, o presente trabalho é alicerçado na discussão das experiências vivenciadas através da disciplina de Estágio Curricular I do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRPE - Unidade Acadêmica de Garanhuns. Um período que objetiva inserir os discentes no contexto escolar como

observadores e regentes a fim de que conheçam o cotidiano deste, seus desafios e contribuições para a sua formação como futuros professores. Vale ressaltar que há a proposta motivadora de diagnosticar uma limitação, entre tantas, na prática educativa e planejar uma intervenção com o objetivo de transformar e vir a contribuir nessa realidade. É nesse momento que está o desafio, o fato de aliar a teoria com a prática e envolver o público de modo que a inserção no campo de ensino-aprendizagem realmente venha a enriquecer o repertório do saber. O desenrolar das atividades consistiram no planejamento e na vivência de um projeto sobre a geometria na educação infantil alicerçado na valorização do cotidiano da criança em um Centro Municipal de Educação Infantil da cidade de Garanhuns-PE.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010, p. 25-26) são bem claras ao explicar que

[...] o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança [...] Recriem, em contextos significativos para as crianças, relações quantitativas, medidas, formas e orientações espaço temporais.

Por isso, é de suma importância propiciar momentos de descontração e aprendizado dentro do ambiente escolar, visto que um dos significativos princípios da educação é proporcionar a autonomia do educando, pois a leitura de mundo de cada um se constrói nas suas especificidades e refletir sobre isso de maneira cultural, respeitando a espontaneidade, a assimilação da inteligência, é uma das tarefas do professor na prática educativa (FREIRE, 1996, p. 123). Dessa maneira, foi identificado que a professora explora superficialmente as formas geométricas, não traduzindo o uso de elementos semelhantes a suas formas para o concreto/cotidiano. De acordo com Piaget, as crianças dessa faixa etária se encontram no estágio pré-operatório (2 a 7 anos) e, por isso, ainda tem dificuldades em abstrair certos elementos (BOCK, 2002). Daí nossa motivação para elaborar uma proposta que promovesse situações de ensino-aprendizagem nas quais o cotidiano das crianças viesse a ser envolvido.

## **Metodologia**

A metodologia dessa experiência é alicerçada na Pesquisa-ação, uma estratégia metodológica que permite uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas neste tipo de pesquisa social, permitindo uma interação entre a identificação dos problemas a serem pesquisados e as soluções a serem pensadas e veiculadas aos sujeitos sob forma de ação concreta na situação social, a fim de contribuir ou modificar determinada realidade (THIOLLENT, 2011).

Objetivando conhecer o espaço da escola, entender a prática da professora e a função da coordenadora pedagógica, além das observações, foram realizadas entrevistas. Severino (2007) é categórico ao afirmar que a observação é todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados. É uma etapa imprescindível em qualquer tipo ou modalidade de pesquisa. Já a entrevista é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporcionando ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária (MARCONI; LAKATOS, 2012). Ainda no período de diagnóstico, foi possível projetar uma proposta com o intuito de buscar elementos do cotidiano da criança, tanto em sala como fora dela para que pudesse, concretamente, explicitar que elementos semelhantes às formas geométricas podem ser encontrados na grande maioria dos objetos de sua vivência. Com esses objetivos como direcionamento, buscou-se uma ampla e explícita interação entre pesquisadora, corpo discente e docente, permitindo uma comunicação entre a identificação dos problemas através das conversas e as soluções a serem pensadas e veiculadas aos sujeitos sob forma de ação naquele meio social a fim de contribuir e aprender, de alguma forma, naquele contexto.

Através de um projeto didático, foi possível reconhecer os participantes do processo como colaboradores e atuantes no contexto social em que se pôde vivenciar esta experiência, fazendo com que, ela venha trazer aspectos qualitativos como meio ampliador de conhecimentos, além de compreender um determinado fenômeno social com vistas à transformação de uma realidade. Os colaboradores da pesquisa foram uma professora, uma coordenadora e uma turma de dezessete alunos do Infantil I. A professora é formada em licenciatura em Pedagogia, tem especialização em Psicopedagogia e é professora formada há 16 anos, atuando na educação infantil desde o início de sua profissão. A coordenadora também é formada em licenciatura em Pedagogia com especialização em Educação Especial e a mesma atua na área da educação há doze anos. Realizado em seis encontros, divididos em três encontros de observação e três de intervenção, no turno da manhã, totalizando doze horas de observação e doze de intervenção. De uma maneira geral, o espaço do Centro de Educação Infantil se tornou muito propício ao desenvolvimento das atividades, pois a escola possui um espaço bem adaptado para atender as crianças pequenas. O pátio que é o lugar onde as crianças tem um momento de lazer e de brincadeira possui brinquedos variados e coloridos para que elas possam brincar e circular tranquilamente no ambiente. O recreio é realizado apenas com duas turmas com a mesma faixa etária e no refeitório as cadeiras e as mesas são adequadas aos tamanhos das crianças. A escola também disponibiliza uma brinquedoteca grande e repleta de livros infantis, fantasias e uma TV para amostras de vídeos. Na mesma também há uma sala de informática, com computadores e acesso à internet. Conforme a

organização do ambiente escolar, cada turma tem o direito de, uma vez por semana, ir para esta sala e se divertir com os jogos educativos, tendo ao lado um supervisor e o auxiliar/apoio da sala.

Os momentos da pesquisa foram pensados a partir de uma maneira que contemplasse o tempo didático das aulas e, pela observação, a obtenção de um diagnóstico da realidade da turma possibilitando a reflexão sobre as dificuldades encontradas na prática educativa, sobre o quê e como intervir naquela realidade.

### **Resultados obtidos através das observações e entrevistas**

Como forma de organizar a rotina na Educação Infantil, todo o corpo docente da escola segue fielmente uma rotina e todas as atividades são relacionadas a um tema gerador onde não só a professora da turma observada, mas todas as demais se apoiam no tema para elaborarem suas atividades. Conforme Barbosa (2006, p. 40):

Mesmo quando as rotinas institucionais são absolutizadas, fechadas e alienadoras, é importante ressaltar que os usuários criam suas próprias operações de apropriação, suas “maneiras de praticar”, e que é preciso relativizar a suposta passividade dos consumidores [...] e, mesmo na rotina invisível, sob um sistema silencioso e repetitivo de tarefas feitas como que por hábito [...] é possível encontrar opções, variedade e criatividade, isto é, o cotidiano.

Nos dias observados foi perceptível que a professora realizou atividades relacionadas ao tema gerador trânsito, porém nenhuma atividade lúdica, apenas atividades escritas que não permitiam nenhum movimento das crianças, as quais ficavam bastante agitadas e a todo o momento a professora pedia para as crianças fazerem silêncio, permanecendo estas sempre sentadas nas cadeiras. Por esse motivo, a visão do professor em perceber o que poderia ser mais focado para essa faixa etária também seria um critério a se pensar em relação a atividades a serem aplicadas todos os dias, pensar nas vastas possibilidades de como trazer atividades mais coloridas, mais dinâmicas que chamem a atenção do aluno a cada novo contato, entre outros aspectos.

Durante as observações, notou-se que a professora explorava o ambiente da sala de aula com o auxílio de cartazes com o alfabeto, dando enfoque para as letras, dos números de 0 à 10, e as demais figuras de animais e objetos dispostos nas paredes, apontando, por fim, para as figuras geométricas e as crianças apenas repetiam o que a mesma falava. Como afirma Bock (2002, p. 134): “É importante ter claro que grande parte do seu repertório verbal é usado de forma imitativa, sem que ela (criança) domine o significado das palavras [...]”, a nosso ver, a professora conduzia as crianças a uma mera repetição de nomenclaturas. Também foi

possível perceber que o enfoque era maior nas letras e nos números, deixando outras questões, também relevantes, de lado.

A sala de aula possui uma área de acordo com a quantidade de alunos que estão matriculados, a mesma possui um banheiro grande, cadeiras e mesas de acordo com o tamanho das crianças, um birô, um quadro branco e um armário. Visualmente, na sala está presente apenas o necessário em relação aos cartazes presentes, não chega a ser poluída. A professora conta com uma auxiliar para ajudá-la em, praticamente, todas as atividades e brincar com as crianças enquanto ela está organizando, por exemplo, os cadernos com o “Para Casa” de cada uma. No entanto, não possui um lugar específico para realizar contações de histórias.

Contando também com a prática docente na rotina, perceptivelmente, enfadonha da leitura do ambiente, o tema da intervenção partiu de observações que possibilitaram diagnosticar que a professora pouco se comprometeu em explorar as formas geométricas contidas no ambiente da sala, bem como não fazia referência a nenhum objeto que se assemelhava com as formas no cotidiano das crianças. O contato com as formas geométricas na Educação Infantil favorece o reconhecimento do espaço e desenvolve aptidões que uma criança sem esse contato não estabeleceria. Em conformidade com esses argumentos, Lorenzato (2006, p. 132), é claro ao afirmar que:

[...] é natural que a educação infantil favoreça o desenvolvimento da percepção espacial da criança. É importante que assim seja porque tal desenvolvimento será fundamental à aprendizagem da geometria no ensino fundamental e, acima de tudo, porque possibilitará à criança um conjunto de conhecimentos e de habilidades que outras matérias não conseguem suprir.

As crianças necessitam de ações concretas que tragam consigo a ludicidade como estratégia ao seu desenvolvimento, através dessa prática elas irão aprender e se divertir ao mesmo tempo.

Durante a realização das entrevistas, dados foram coletados sobre a coordenadora e professora. A coordenadora é licenciada em Pedagogia com especialização em Educação Especial e a mesma atua na área da educação há doze anos. A professora também é formada em licenciatura em Pedagogia, tem especialização em Psicopedagogia e é professora formada há 16 anos, atuando na educação infantil desde o início de sua profissão. A entrevista que foi realizada com a coordenadora da escola e com a professora da turma, nos possibilitou ter um conhecimento mais proveitoso sobre suas práticas no contexto educacional e suas visões acerca da prática docente e o papel da coordenação no ambiente escolar em que espaço as mesmas estão inseridas. Desta forma, foram realizadas algumas perguntas acerca da prática

pedagógica, dos projetos pedagógicos realizados pela escola, de como são feitas as formações docentes, entre outros temas que foram pertinentes para serem abordados. Sendo assim, a coordenadora e a professora foram questionadas sobre quais eram suas atribuições/atividades desenvolvidas na Educação Infantil. A primeira pergunta, foi realizada com a coordenadora e, segundo sua fala, a mesma diz que:

*“Bom, eu “tô” no trabalho de coordenação pedagógica né, e aí a gente faz um trabalho de formação e serviço né com os professores diretamente e todo o apoio pedagógico se recupera a escola”.*

Desta forma, a coordenadora responde a questão dizendo que todo o trabalho realizado pela coordenação é voltado para a formação dos professores, estando sempre a serviço para dar um apoio pedagógico. A mesma pergunta foi realizada com a professora e ela respondeu dizendo que:

*“Cuidar e educar as crianças, orientando-as e auxiliando-as em suas atividades diárias escolares, tais como: ida ao banheiro, lanche, atividades pedagógicas, estimular a aquisição de bons hábitos comportamentais e aceitação às regras”.*

Nota-se que a resposta dada pela professora é mais voltada para a sala de aula, como os cuidados que deve ter com as crianças e quais atribuições a mesma deve possibilitar para estimular o aprendizado da criança. É possível perceber que as duas respostas estão com percepções diferentes, visto que a coordenadora está com olhar voltado para a formação dos professores e a professora está com um olhar voltado para as atribuições do cuidar e educar na Educação Infantil. A partir desses argumentos, questiona-se a forma como a Educação Infantil foi proposta no Brasil e influência nas práticas e concepções tão próximas à nossa realidade, onde se apresentam não diferentes, mas complementares a denominação e função da assistência e educação, como mostrados pela professora ao fazer tal afirmação sobre o ser professora e cuidadora ao mesmo tempo. Não vê-se nenhuma distinção dentre os termos pelo fato da aprendizagem das crianças pequenas estarem intimamente ligadas a estes, pois, conforme Assis (2009, p. 44) “Ao cuidar e educar, integra-se o brincar, pois a brincadeira é concebida como uma atividade social do ser humano, por meio da qual a criança se apropria do mundo reproduzindo ações humanas”.

Foi questionado a coordenadora se a mesma acredita que relacionar a teoria que sustenta a proposta pedagógica escolar à prática utilizada em sala de aula é uma dificuldade encontrada pelos docentes? De acordo com a sua experiência, por que ocorre essa dificuldade?

*“Não, com a equipe que eu tenho aqui hoje eu não sinto que o quadro de professores tenha essa dificuldade de relacionar a teoria com a prática não.”*

*Inclusive a gente, no PNAIC né, quando a gente estava lá, em estudo, muitos se comunicavam, olha isso a gente faz, e quando a gente faz assim na escola, é quando a gente faz conversa, quando a gente faz a acolhida, então assim já conseguem visualizar a atividade que ele pratica com a teoria”.*

A mesma indagação foi feita à professora, no entanto a própria respondeu dizendo que existem lacunas entre a teoria e a prática e que as universidades precisam ter um currículo ao qual a teoria e a prática não se encontrem tão distantes da realidade educacional e, que o docente necessita ter uma formação ao qual consiga relacionar essas duas teorias e entrelaçá-las, uma ao lado da outra dando o suporte necessário para não fugir da realidade vigente daquele contexto. Desta forma, a professora respondeu que:

*“Sim, porque o professor não dispõe de tempo para pesquisar, as formações deixam lacunas entre a teoria e a prática e as universidades que preparam futuros professores deveriam também rever seu currículo e ensinar como relacionar a teoria à prática”.*

É perceptível que nas respostas de ambas há controvérsias, pois, enquanto a coordenadora não vê dificuldade em relacionar a teoria com a prática, a professora por outro lado vê uma lacuna entre as mesmas. A docente alega que, as formações de educadores deixam lacunas entre a teoria e a prática. Para Bruner (1984, *apud* PAIVA; GUIMARÃES, 2014, p. 13) “[...] o ensino trabalha com um conhecimento, cuja relevância não está clara para os professores e muito menos para os alunos, pois está embasado basicamente em teorias, as quais na maioria das vezes não possuem aplicabilidade, desmotivando tanto docentes como discentes”. Ou seja, em muitos casos, a relação da teoria com a prática está distante e isso se torna um obstáculo que o educador precisa enfrentar para ter uma prática proveitosa.

### **Descrição das intervenções: um olhar para o cotidiano das crianças**

No primeiro dia de intervenção a aula foi iniciada com a leitura do ambiente, como a professora sempre fazia, porém, dando um enfoque às formas geométricas, relacionando-as com os diversos elementos do cotidiano, tais como CD's, relógio, caixas de sapato, tampas de recipientes. Após realizar a leitura do ambiente, foi feito o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos acerca das formas geométricas, onde poderíamos encontrá-las e se algum objeto da sala de aula tinha o formato de alguma forma. Para realizar este momento, além de levantar os conhecimentos prévios dos alunos, foram levados para a sala de aula objetos que lembravam formas geométricas, tais como placas de forma retangular; tampas redondas e quadradas de recipientes, almofadas, revistas. O quadro branco da sala deles, a forma da mesa que eles colocam os materiais também foram utilizados.

Foram feitas referências a outros objetos que estavam contidos naquele ambiente, perguntando qual forma geométrica aqueles objetos lembravam, se era o círculo, o quadrado, o triângulo ou o retângulo. Desta forma, foi possível notar o entusiasmo das crianças para com os objetos e a motivação deles tentando relacionar o objeto com as formas. Ao final desse levantamento de questões, foi promovida uma dinâmica onde foram dispostos na mesa diversos objetos que lembravam as quatro formas, e em seguida foi solicitado a cada criança para que, uma por vez, levantasse e pegasse algum objeto de sua preferência, cujo o mesmo formato do objeto lembrava a forma geométrica que estaria disposta no chão da sala e, logo após, se faziam questionamentos às crianças sobre o lugar do objeto que foi pego e solicitando a colocação na respectiva forma que o objeto se parecia, classificando-os de acordo com o seu formato.

**Fotografia 1** – Crianças classificando os objetos



Fonte: Silva (2018)

**Fotografia 2** – Objetos utilizados



Fonte: Silva (2018)

Desta maneira, foi demonstrado que tudo isso pode ser explorado e que as formas geométricas podem ser trabalhadas de uma maneira bem mais eficiente e significativa para a criança. No segundo dia de intervenção, foi recapitulado tudo o que foi trabalhado na semana anterior e em seguida fez-se novamente a leitura do ambiente de modo a despertar na criança um olhar diferenciado do contexto que estão inseridas, para que ambas pudessem perceber a diversidade de coisas que as rodeiam e que possuem determinadas formas geométricas. Logo após esse momento de recapitulação, foi mostrado o vídeo “O Diário de Mika: As Formas”, que trata sobre a importância de se estudar as formas geométricas e a utilização das mesmas no cotidiano. Após a exibição do vídeo, refletimos sobre o quanto as formas estão por todos os lugares e o quanto elas se fazem presente no nosso cotidiano, assim como levantou-se questionamentos sobre o que eles entenderam do vídeo e quais as formas que apareciam no mesmo. Após esse momento, foi realizado um jogo para toda turma participar, cujo o nome do jogo foi intitulado como: “Roleta das Formas Geométricas”. Nesse jogo, cada criança ficaria com uma cartela, cada cartela foi contemplada com formas geométricas variadas e

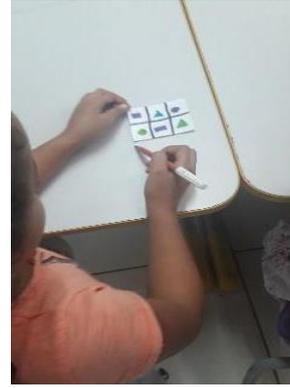
coloridas, a roleta continha imagens de objetos, comidas e etc, que tinham um formato semelhante ao das formas geométricas. Ganhava a criança que conseguisse preencher primeiro toda a cartela. Para realizar este jogo/atividade, foram necessários materiais impressos, como as cartelas e a própria roleta para o jogo das formas geométricas que foi realizado.

**Fotografia 3** - Roleta geométrica



Fonte: Silva (2018)

**Fotografia 4** - criança com cartela



Fonte: Silva (2018)

O momento foi interessante, porque pôde-se trabalhar um jogo que fazia relação com as vivências dos alunos, com as coisas que eles conheciam. Foi bastante proveitoso, pois já se conseguia notar as crianças fazendo relação dos objetos que apareciam na roleta com as formas geométricas que apresentavam na cartela.

No terceiro dia foi dada continuidade com a rotina da sala, leitura do ambiente, como de costume, com o intuito de explorar no ambiente da sala de aula, as formas geométricas contidas naquele espaço.

**Fotografia 5:** Crianças fazendo as colagens



Fonte: Silva (2018)

E, em seguida, uma atividade com as crianças foi promovida, onde foram distribuídos recortes de papéis coloridos (color set) com as formas geométricas estudadas em sala durante as outras duas intervenções anteriores e neste momento, foi solicitado que cada criança escolhesse os recortes de sua preferência para construir desenhos que gostavam muito. Em

seguida, foi orientado que cada um fixasse sobre o papel para que, com as colagens feitas, pudéssemos construir um caderno com as atividades do grupo e, posteriormente, deixar exposto na sala.

Desta forma, torna-se muito importante para o desenvolvimento da criança o fato de expressar-se livremente por meio de desenho, pintura, colagem, dobradura e escultura, criando produções bidimensionais e tridimensionais (BRASIL, 2018).

As colagens feitas pelas crianças foram bastante interessantes, pois, além de montarem os desenhos que queriam com os recortes das formas, elas iam fazendo desenhos com lápis grafite onde as mesmas iam retratando através do desenho o que eles estavam imaginando, como por exemplo, algumas crianças desenharam os pais, os irmãos, flores, entre outros desenhos. Logo após as crianças terem terminado as atividades, uma exposição no quadro com suas colagens foi feita, bem como indagações aos mesmos sobre o que tinham feito e quais as formas que utilizaram para fazer determinado desenho.

**Fotografia 6:** Colagens feitas pelas crianças.



Fonte: Silva (2018)

Nesse momento, cada criança levantava e ia até o seu desenho e dizia quais as formas tinha se apropriado para chegar a determinado desenho e o porquê de terem feito desenhos com o lápis e o que aqueles desenhos estavam representando para eles. Após as atividades e as indagações realizadas em cada momento, as crianças foram para o refeitório e em seguida para o pátio brincar. No momento seguinte, como uma forma de entretenimento, mas sem perder o foco do nosso objetivo, foi levado para as crianças um jogo de tabuleiro, já confeccionado, que continha quatro formas geométricas trabalhadas nas intervenções: o quadrado, o retângulo, o triângulo e o círculo, e também um dado para a execução do jogo. Dessa forma, já pela variedade de cores, as crianças se sentiam atraídas, ansiosas pela oportunidade de jogar. Este momento de brincadeira foi de suma importância, pois a visão das crianças pôde ser ampliada e diversificada quanto às noções de formas, sem fugir da diversão, alicerçando e sistematizando mais ainda o conhecimento apreendido e compartilhado ao longo

desses dias de regência que foram de uma contribuição singular para a formação e adaptação aos desafios no campo de atuação docente.

### **Conclusões**

Participar do Estágio Curricular I no âmbito da Educação Infantil foi muito gratificante e trouxe contribuições ímpares ao conhecimento e prática deste, visto que por meio de reflexões propiciadas pelos estudos de Sergio Lorenzato pôde-se pensar novas possibilidades de se trabalhar o lúdico relacionado com elementos dentro e fora do ambiente escolar. Concomitante a riqueza de experiências trazidas por este estágio supervisionado obrigatório, a percepção foi bastante ampliada com vistas ao trabalho coletivo que os corpos estudantil, docente e administrativo precisam exercer para que o avanço se concretize e se tenha realmente um compromisso assumido por cada um.

Através da visão de professora-pesquisadora em formação pôde-se identificar algumas lacunas na prática educativa, mas em confronto com os teóricos estudados foi alicerçada a compreensão de que nada do cotidiano escolar vem com um passo a passo pronto e acabado, exige de um professor estratégias de como fazer diante de tantas especificidades em uma sala de aula, tantos conflitos e imprevistos ocorridos. Conflitos estes que acabaram construindo a compreensão do quão desafiador é se assumir uma sala de aula com crianças pequenas e lidar com isso quando se está sujeito às exigências do sistema escolar. Diante do todo discutido, vale ressaltar que estudos futuros são necessários na área da Educação Infantil quanto ao viés de se abordar a perspectiva geométrica no cotidiano da criança através da ludicidade para que a percepção dela quanto às formas geométricas esteja bem mais preparada na sua trajetória de aquisição do conhecimento. Outro ponto chave a se deixar como reflexão é a ampliação do olhar profissional do pedagogo quanto ao ensino da geometria na Educação Infantil que não deve ser alicerçado no ensino das figuras propriamente ditas, mas na relação delas com o ambiente de vivência da criança como explanado nos resultados, promovendo dentro das possibilidades uma abrangência da visão dos alunos quanto ao que pode ser associado às formas. Diante disso, a praticidade da teoria que é ofertada no curso de formação de professores, a partir da inserção em um espaço novo, passa-se a compreender que é a diversidade de teorias que respalda e direciona as ações contribuindo estrategicamente em função das adaptações e flexibilidades presentes na docência.

## Referências

- ASSIS, M. S. S. Ama, Guardiã, Crecheira, Pajem, Auxiliar...em Busca da Profissionalização do Educador da Educação Infantil. Cap. 3. p. 37-49. In: Angotti, Maristela. **Educação infantil**: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento. Campinas: Alínea, 2009
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. São Paulo: Ed. Saraiva: 2002.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC: Conselho Nacional de Educação (CNE). Distrito Federal, DF. 2018. 468 p.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. MEC: Conselho Nacional de Educação (CNE). 2010. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIROTTO, C. G. G. S.; CASTRO, R. M. **O estágio curricular e a didática na formação de professores**: desafios e possibilidades. Educação, Santa Maria, v. 38, n. 1, p. 177-190, jan./abr. 2013.
- LORENZATO, S. **Educação infantil e percepção matemática**. – Campinas, SP: Autores Associados, 2006. (Coleção Formação de Professores).
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- PAIVA, C. L. F.; GUIMARÃES, K. M. **Práticas do Ensino Aprendizagem**: Relacionando Teoria e Prática. Rev. Educ. , v. 17, n. 22, p. 11-16, 2014. Disponível em: [https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjN\\_5m81d7cAhWEEJAKHYJ8AFQQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww.pgsskroton.com.br%2Fseer%2Findex.php%2Feduc%2Farticle%2Fdownload%2F2923%2F2766&u sg=AOvVaw0m3AJhQXaWRlnj133kwtYm](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=2ahUKEwjN_5m81d7cAhWEEJAKHYJ8AFQQFjAAegQIAhAC&url=http%3A%2F%2Fwww.pgsskroton.com.br%2Fseer%2Findex.php%2Feduc%2Farticle%2Fdownload%2F2923%2F2766&u sg=AOvVaw0m3AJhQXaWRlnj133kwtYm). Acesso em: 08 de agosto de 2018.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.